

Transição energética deve privilegiar atração do investimento

Nivalde de Castro

Respeitado nome no setor elétrico brasileiro, o professor do Instituto de Economia da UFRJ e coordenador do GESEL – Grupo de Estudos do Setor Elétrico, Nivalde de Castro, está otimista com relação à transição energética no Brasil. Para ele, o país tem plenas condições de enfrentar os desafios do domínio das fontes intermitentes na energia nova, devendo ficar atento à manutenção das condições para que o setor privado faça a sua parte e invista nesse segmento.

“Como resultado deste processo iniciado nos anos de 1990, o modelo do setor elétrico está tendo condições de manter o processo de transição energética no caminho correto e consistente para o futuro”, afirma.

O professor analisa ainda as perspectivas para a mobilidade elétrica no Brasil, colocando o país como um potencial exportador de veículos elétricos e acha que o país tem plenas condições de liderar a produção de hidrogênio verde. “O hidrogênio será a fonte de energia predominante no Século XXI, como foi o carvão no Século XIX e o petróleo no Século XX.”, conta.

A discussão da transição energética no Brasil está indo pelo caminho certo, na sua visão?

A transição energética, notadamente na matriz elétrica, se dá em um contexto muito mais consistente em função do baixo risco para os investimentos necessários. O setor elétrico é capital intensivo e de longo prazo de maturação, exigindo volumes crescentes de investimento. Com o processo de liberação do mercado elétrico, a consistência da governança do marco institucional e qualidade da regulação são requisitos necessários e estratégicos para a atração dos investimentos privados. Como resultado deste processo iniciado nos anos de 1990, o modelo do setor elétrico está tendo condições de manter o processo de transição energética no caminho correto e consistente para o futuro.

Quais são os próximos passos para o país avançar na agenda da transição energética?

O processo de transição energética brasileiro é de manter a matriz elétrica renovável. Diferente do resto do mundo, a nossa transição é ultra peculiar: substituir os investimentos em centrais hidrelétricas, impossibilitadas de crescerem pelas restrições ambientais, em investimentos na ampliação da capacidade instalada de energia eólica e solar. Basta citar que a matriz elétrica que o mundo desenvolvido quer atingir em 2050, de 85% de fontes renováveis, o Brasil já a tem hoje. Em suma, estamos 30 anos adiantados.

E com relação à transição energética no transporte?

O processo de eletrificação das frotas de veículos está se iniciando no mundo. A Indústria Automobilística mundial tem suas plataformas de produção instaladas no Brasil, colocando a capacidade produtiva nacional como a oitava do mundo, e o mercado consumidor como o sexto maior em nível mundial. Neste sentido, a indústria automobilística nacional que foi constituída com o Plano de Metas nos anos de 1950, já produziu mais de 85 milhões de veículos e tinha em 2019 uma frota de 37 milhões de veículos leves a combustão. Em suma, esta magnitude numérica garante que as montadoras nacionais da indústria automobilística mundial vão transformar suas plantas produtivas para veículos elétricos não só para atender o mercado interno, mas também para exportação, aderente à lógica da globalização da indústria

automobilística.

Qual é o papel do hidrogênio na transição energética no Brasil?

O hidrogênio será a fonte de energia predominante no Século XXI, como foi o carvão no Século XIX e o petróleo no Século XX. Esta afirmativa deve-se às metas de descarbonização assumidas pelos principais países no Acordo de Paris e é o principal vetor do processo de transição energética mundial.

Neste contexto, a produção do hidrogênio verde (H2V) será imprescindível, pois a grande maioria dos países, notadamente da União Europeia, não tem capacidade de fontes renováveis – eólica e solar – para a produção do H2V. Assim, o H2V será a commodity energética de um mercado mundial, pois somente a Alemanha para atingir a meta de neutralização de CO2 estima importar 89 % da demanda projetada de H2V.

Segundo estudos do Hydrogen Council, o Brasil tem potencial para liderar a produção e exportação de hidrogênio verde, qual é o caminho que tem ser trilhado para chegar até lá?

Concordamos plenamente com este estudo, pois o Brasil, em função do potencial de recursos renováveis e do modelo de contratação como examinamos anteriormente, poderá assumir uma posição competitiva impar e papel estratégico neste novo mercado.

O elemento central para o Brasil assumir esta posição de, já na década de 2030, se transformar na Arábia Saudita de H2V mundial, é obter contratos de longo prazo de exportação que sirvam de lastro e garantia para a obtenção de financiamento, em modelo análogo aos contratos derivados dos leilões de energia nova para o mercado cativo.

Assim o caminho é muito simples e objetivo: seguir a experiência de sucesso do modelo do setor elétrico brasileiro de contratação já consolidado. O gás natural para produzir o H2 azul pode ser uma opção de transição, dado que o H2V será muito mais valorizado e caro, por representar efetivamente a garantia da descarbonização. E onde o Brasil é muito mais competitivo.

Entrevista publicada no site Além da Energia. Disponível em: <https://www.alemndaenergia.com.br/>. Acesso em 22 de abril de 2021.